

Universidade de São Paulo

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Departamento de Geografia

Theo de Azevedo Marques Quartim Barbosa

**Skate de rua e o corpo na cidade: Um estudo de caso a partir do centro da cidade
de São Paulo**

São Paulo
2017

Theo de Azevedo Marques Quartim Barbosa

**Skate de rua e o corpo na cidade: Um estudo de caso a partir do centro da
cidade de São Paulo**

Versão original

Trabalho de graduação individual apresentado à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas para obtenção do título de bacharel em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Amélia Luisa Damiani

São Paulo

2017

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof.: Amélia Luisa Damiani (orientadora)

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof.:

Instituição:

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof.:

Instituição:

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar a Nathalee, por me acompanhar com um bom humor de agradecer a Deus.

Agradeço a minha família de sangue e outras que formei nos últimos anos, em especial a Rua das Academias e a Piraquê.

Seria impossível não citar a Rádio Várzea Livre do rio pinheiros, que muito me ensinou em nossas quedas.

Agradeço muito a Amélia, pela humildade, zelo e responsabilidade com que recebeu minhas ideias.

Só tenho flores para as pessoas que contribuíram com as reflexões que se desenvolveram nesta monografia, em especial: Nathalee, Professor Claudio, Bruno “Xavito”, Miguel Marques e Murilo Romão.

Sou grato a todas as pessoas que possam vir a ler (criticar, replicar, desviar) este trabalho.

Esse trabalho, e no final das contas tudo que tem sido feito, é dedicado sobretudo ao Benedito, Yanna, Tereza, Raul, Lia e todas as outras crianças que, mesmo tirando nosso sono, nos fazem voltar a sonhar.

Resumo

Barbosa, Theo de A. M. Q. **Skate de rua e o corpo na cidade: Um estudo de caso a partir do centro da cidade de São Paulo.** 2017. 57f. Trabalho de Graduação Individual – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

O skate de rua é uma atividade que pode ocupar indiscriminadamente as cidades brasileiras e do mundo, especialmente por seu fundamento não exigir mais do que uma pessoa, um skate e uma superfície. Essa prática está calcada no embate dos corpos com aquilo que as cidades nos oferecem: formas, texturas, ritmos, signos e o que mais for passível de apropriação.

Palavras-chave: Skate de rua. Corpo. Centro da cidade de São Paulo. Deriva. Desvio. Uso. Apropriação.

Abstract

Barbosa, Theo de A. M. Q. **Street skating and body in the city: A study of case after Downtown São Paulo.** 2017. 57f. Trabalho de Graduação Individual – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

Street skating is an activity that may occupy, without making any distinction, Brazilian and all around cities. That is a fact especially because it depends on a person, a skateboard and a surface. This practice is based in the clash of bodies with whatever cities may offer to us: shapes, textures, rhythms, signs and everything that can be used. This investigation proposes to unveil and to present a piece of the universe from street skating practice, starting from how it presents itself in Downtown São Paulo.

Keywords: Street skating. Body. Downtown São Paulo. Drift. Hijacking. Use.

Lista de ilustrações

Mapa 1 - Mapa da Deriva de 11 de novembro de 2016	p.49
Imagen 1 – Outdoor de empreendimento imobiliário.....	p.50
Imagen 2 – Outdoor de empreendimento imobiliário desviado.....	p.50
Imagen 3 – Outdoor de empreendimento imobiliário 2.....	p.51
Imagen 4 – Outdoor de empreendimento imobiliário 3.....	p.51
Imagen 5 - Campanha do ministério da defesa pelo alistamento militar obrigatório.....	p.52
Imagen 6 – Pixação afirma que “A rua vai cobrar”.....	p.52
Imagen 7 – Pixação aponta que “A rua vê”.....	p.53
Imagen 8 – “Ninguém manda no que a rua diz”.....	p.53
Imagen 9 - Construção coletiva auto financiada na quadra “Generics”.....	p.54
Imagen 10 – Construção coletiva auto financiada na quadra “Generics” 2.....	p.54
Imagen 11 - Cerca que impede a prática do skate de rua.....	p.55
Imagen 12 – Cerca que impede a prática do skate de rua 2.....	p.55
Imagen 13 – A rua do food truck.....	p.56
Imagen 14 – A rua como pista de dança.....	p.56

Sumário**Introdução.....p.10****Capítulo 1: Os corpos****1.1 - Percepção corporal da cidade através da prática do skate de rua.....p.12**
1.2 - O uso.....p.15**Capítulo 2: As ruas****2.1 - A rua em contexto.....p.22**
2.2 - Entre a popularidade e a marginalidade.....p.24
2.3 - Rua na prática e na cultura do skate de rua.....p.25
2.4 - A rua à venda.....p.28**Capítulo 3: O centro de São Paulo****3.1 - Skate de rua e o centro da cidade de São Paulo.....p.32**
3.2 – A deriva inconsciente de skatistas de rua.....p.34
3.3 - Um invisível do centro de São Paulo: Um relato de deriva.....p.35**Considerações finais.....p.46****Referências.....p.48**

Introdução

“A metafísica do corpo se entremostra nas imagens. A alma do corpo modula em cada fragmento sua música de esferas e essências além da simples carne e simples unhas(...)"

(A metafísica do corpo, em Corpo, Carlos Drummond de Andrade, Record - 1985, pg 11)

Conhecer o *ethos* de skatistas de rua de São Paulo é uma tarefa mais complexa do que uma observação pontual e uma reflexão sobre aquilo observado. Pratico o skate de rua em São Paulo há pelo menos 10 anos e muito me escapa no tocante aos aspectos culturais e comportamentais das pessoas que exercem essa prática corporal.

A condição *si ne qua non* do skate de rua é o embate do corpo com o espaço urbano. Partindo dessa proposição, todas as condutas (símbolos, expressões idiomáticas, traços comportamentais..) emergem a partir de uma lógica construída em uma relação impactante entre corpo, cidade e tempo.

O corpo que anda de skate de rua é um corpo sujeito aos riscos que assume em suas performances, às sensações provenientes dos saltos e manobras e, principalmente, às diferentes formas, texturas e ritmos que as cidades oferecem. O fenômeno da aglomeração ou da dispersão de skatistas de rua é fruto da busca por locais atraentes a esses corpos executarem suas performances e por vezes, locais que possam acolher esse grupo em seus encontros além do skate.

Logo, por mais estranho que pareça, conhecer essas pessoas (enquanto skatistas de rua) não passa exatamente por entrevistá-las e tê-las como informantes. É importante reconhecer a grandeza a que o valor dos movimentos, estilos, performances, procedimentos e atitudes é creditado. É importante avisar: o presente estudo apoia-se tão somente no plano do vivido de skatistas de rua, calcando-se em seus signos/símbolos (fruto das marcas de suas expressões corporais no espaço urbano), movimentando esses elementos com um aporte teórico e literário. A pretensão de cercar esse grupo de pessoas e enquadrá-lo através de um “modus operandi” passa longe das minhas intenções.

Portanto, de antemão esclareço que minha investigação acerca da práticas de skatistas de rua no centro de São Paulo é um movimento cronológico, mas não hierárquico, entre minha experiência como skatista, meu contato com o centro da cidade de São Paulo, minha formação acadêmica e meu perfil como pesquisador.

Capítulo 1: Os corpos

1.1 - Percepção da cidade através da prática do skate de rua

“Andar de skate não é um hobby e não é um esporte. Andar de skate é uma maneira de aprender como redefinir o mundo à sua volta. Quando a maioria das pessoas vê uma piscina pensam “Vamos nadar”, mas eu pensava “Vamos andar nisso”. Quando se deparam com ruas ou com calçadas pensam em atravessá-las com carros, mas eu pensaria na textura. Eu desenvolvi aos poucos a habilidade de olhar para o mundo através de maneiras completamente diferentes.” MACKEY, I. 2013, em discurso na biblioteca do congresso americano. Tradução do autor.

A prática do skate de rua é indissociável da questão corporal na cidade, especialmente quanto à percepção da cidade a partir do corpo. As sensações buscadas por skatistas em suas performances (velocidade, adrenalina, superação, risco controlado) por meio de manobras, refletem diretamente na percepção corporal do espaço. A forma da cidade, ou sua réplica empobrecida nas pistas de skate, possibilita sensações que não são alcançáveis por corpos que não estejam sujeitos aos estímulos da prática do skate. A experiência da modernidade e seus impactos sobre as práticas e percepções corporais são determinantes para a relevância do skate de rua nesse tempo. Skatistas de rua encaram e criam outros ritmos, percursos e texturas de nossas cidades, nutrindo-se da obsessão da aceleração, própria do momento histórico em que vivemos¹.

Tomemos como exemplo um corrimão em uma escada. Esse equipamento tem como finalidade oferecer segurança a qualquer corpo que possa precisar de apoio em sua subida ou descida. Porém, se considerarmos a apropriação dada por skatistas a esse equipamento, um corpo durante a prática do skate põe-se em risco para realizar uma performance em alta velocidade, utilizando o corrimão como obstáculo para sua manobra, seja deslizando sob ele, pulando-o ou realizando qualquer variação possível de truques de skate. Com isso, fica clara a diferença na percepção corporal do espaço de um corpo voltado à atividade do skate de rua e um corpo passivo: O corpo de um(a) skatista de rua comprehende o espaço urbano como um palco (mas não só como uma plataforma) para suas performances e, para além disso, combate sua condição de corpo passivo com o espaço desencarnado (JACQUES, 2008) em sua volta.

Contudo, a noção de espaço para skatistas de rua transcende o vazio de uma mera

¹ Em sua teoria da “Síndrome do loop”, SEVCENKO (2005) pontua a experiência da modernidade a partir de três momentos: a ascensão contínua, a queda vertiginosa e o loop. Metáforas a parte, a impressão da

plataforma para essa prática e assume uma centralidade nas práticas culturais desse grupo. O skate de rua existe a partir da incorporação do ritmo, fluidez, topografia e energia das ruas que abrigam e fomentam as performances de skatistas. Existe então uma corporeidade em comum para todas as pessoas que andam de skate de rua, criando assim uma apropriação e uma percepção desse espaço ocupado com traços comuns a qualquer skatista. Tal experiência comum (e também particular de acordo com recortes de gênero e de classe) reflete na identidade construída ao longo da história dessa prática, a partir da congregação de diversos elementos da marginalidade sociocultural.

Para LEFEBVRE (2006), o espaço passa a existir a partir de uma ocupação que se dá corporalmente. Tal ocupação propõe um referencial que orienta o espaço. Logo o espaço, sobretudo sob a égide de uma atividade essencialmente corporal, é feito através do corpo e suas pulsões. O seguinte trecho elucida a premissa do autor:

“O corpo, com suas capacidades de ação, suas energias, faria o espaço? Sem dúvida, mas não no sentido em que a ocupação ‘fabricaria’ a espacialidade - no sentido de uma relação imediata entre o corpo e seu espaço, entre o desenvolvimento no espaço e a ocupação do espaço.”(LEFEBVRE, 2006,p.2)

Por conta da proposta com que skatistas se põem diante ao espaço urbano, a percepção do espaço tida por esse grupo gira ao redor de diversos elementos espaciais que são despercebidos por parte da população, isso se reflete na disposição de lugares que abrigam mais praticantes dessa atividade. Com isso, o corpo encarnado sob skates produz seu espaço, referenciando-o a partir da percepção dos(as) agentes dessa prática. Cabe dizer também que essa percepção aguçada não se dá somente durante a prática dessa atividade, mas sim ao longo de qualquer contato com o espaço urbano. O olhar dos(as) skatistas está sempre atento na busca por novos picos², seja ao realizarem quaisquer deslocamentos pela cidade ou no consumo de vídeos, fotos e reportagens da mídia especializada.

Em sua fenomenologia da percepção, Merleau-Ponty postula sobre o papel do corpo em movimento (possibilitando sensações) para a percepção como processo de conhecimento. Ao retomar os princípios do filósofo francês, NÓBREGA (2008) afirma que:

“Os movimentos acompanham nosso acordo perceptivo com o mundo. Situamo-nos nas coisas dispostos a habitá-las com todo nosso ser. As sensações

¹ velocidade aos corpos é uma marca da modernidade.

² Expressão utilizada para denominar locais propícios para a prática do skate.

aparecem associadas a movimentos e cada objeto convida à realização de um gesto, não havendo, pois, representação, mas criação, novas possibilidades de interpretação das diferentes situações existenciais." (NÓBREGA, 2008, p.2)

Um exemplo fundamental da percepção espacial de skatistas, se dá no exemplo da importância da superfície que certo local apresenta. Para que a prática do skate seja mais eficaz ou suave, os pisos pelos quais skatistas optam são lisos, com menores rugosidades, buracos, pedras, água ou sujeira. Apelidado por skatistas de "chão bom" ou "chão da gringa", essas superfícies facilitam as suas performances e a escassez desses pisos no Brasil é comumente associado à facilidade com a qual skatistas brasileiros(as) andam na Europa ou nos Estados Unidos.

Sendo o skate de rua uma prática fincada no embate de corpos com a cidade, a leitura (na preferência por certos picos e performances) e releitura (nas reformas, transformações e significações), que skatistas fazem do espaço urbano, é fruto de percepção possibilitada por esses corpos em movimento.

Como além da percepção do espaço, a ocupação e uso do mesmo por esse grupo de pessoas é central nessa investigação. Os relevos psicogeográficos (DEBORD, 1958) que nos ajudam a compreender a localização de skatistas na cidade fundam-se através de uma confluência complexa de elementos (inclusive variando constantemente). Uma área que possua um chão liso não atrairá necessariamente skatistas, isso se verifica no tocante a diversos outros elementos que teoricamente serviriam à agregação de skatistas (materiais deslizantes, ausência de represálias à prática ou até mesmo pistas desenhadas para o skate). Conhecer o uso, e relacioná-lo à percepção que skatistas de rua fazem da cidade, é um caminho para investigar essa prática.

1.2 - O uso da cidade

Como skatistas de rua apreendem e constroem o espaço através do enclave corporal com o urbano, o uso que fazem da cidade é resistente à sua lógica e razão dominantes. O skate de rua é um movimento de pulsão. Esse uso despreza o ritmo e o espaço racionais da cidade moderna desencarnada. Com isso, skatistas, munidos de suas ferramentas de reinterpretação do espaço³, forjam uma cidade cujas formas e fluxos satisfazem as suas necessidades.

A expressão “forjar” utilizada na frase acima está fincada na ideia de moldar e constituir na cidade uma situação/momento⁴ (INTERNATIONALE SITUATIONNISTE, 1960) que dê suporte ao movimento desejado por skatistas. Essa construção é composta de uma ambiência (DEBORD, 1957), que, por sua vez, é integrada pela escolha de uma manobra, uma forma da cidade, uma textura dos materiais, uma velocidade e até uma composição (no sentido de composição cênica: A manobra será executada - e filmada - em uma praça, em um beco ou em um telhado?). O uso que dão à cidade e o significado que atribuem às suas performances é absolutamente complexo e com isso desviam uma cidade voltada ao consumo simples e passageiro por corpos que trafegam.

O olhar de skatistas de rua para novos obstáculos na cidade (sejam lugares nunca explorados⁵ ou reformados, inclusive por skatistas) é atento a elementos do espaço menos centrais na percepção de outros(as) transeuntes. A topografia e o entorno de um local influenciam na presença ou não de skatistas e no uso que fazem dessa condição. Como exemplo nota-se a especificidade da prática do skate de rua na cidade de São Francisco nos Estados Unidos, marcada pela alta velocidade fruto das imensas ladeiras da cidade. Os espaços planos possibilitam e condicionam outras performances - tais quais as praticadas no Vale do Anhangabaú em São Paulo, no Macba em Barcelona, ou na lendária praça do embarcadero em São Francisco - possivelmente mais técnicas e menos agressivas. O skate de rua nova iorquino é marcado pela forte interação com o tráfego de

³ Expressão cunhada e espalhada pelo skatista profissional brasileiro, Klaus Bohms.

⁴ Utilizo a interação entre os termos “momento” e “situação” por não conseguir separar o que é artificialmente construído na prática do skate de rua (situação) e o que é um momento orgânico (momento natural).

⁵ As siglas “ABD” e “NBD” se referem também a essa exploração de novos lugares para a prática do skate. Significam em inglês “Already been done” (Já foi feito) e “Never been done” (Nunca foi feito).

automóveis e pessoas, como um agravante à dificuldade das manobras executadas. Já o skate de rua de Los Angeles é característico pelas sessões em escolas invadidas nos finais de semana, contando com um espaço mais amplo e vazio para as performances, possibilitando manobras mais técnicas com um controle maior das obstruções às sessões. Se compararmos a relevância desses elementos espaciais descritos acima para skatistas e não skatistas, fica clara a importância das diferentes formas espaciais para a prática e para a cultura do skate de rua, assumindo outra relação com corpos que não usam o espaço da mesma forma como skatistas.

Portanto, como apresentado nos exemplos acima, o espaço condiciona e perpetua certas maneiras de interpretação da cidade por skatistas, promovendo uma cultura e um culto a certas maneiras de se andar de skate em função do seu entorno.

Nesse sentido, a percepção da cidade e a apropriação/uso (SEABRA, 1996), que se faz desse mesmo espaço, são indícios de que a rua e a cidade sob a prática do skate de rua não são meros cenários que eliminam uma corporeidade e sim a possibilitam a partir de uma reinterpretação espacial.

Para além dos exemplos apresentados, diversas outras características espaciais costumam chamar a atenção de skatistas e resultar na aglomeração dos (as) mesmos (as): obstáculos de materiais deslizáveis, ruas pouco movimentadas, lugares públicos sem a presença da polícia e propriedades privadas sem a presença de seguranças ou, em geral, lugares e horários que impossibilitam represálias a essa prática.

Porém, a maneira como skatistas usam o espaço resulta em um contra-ataque por parte das forças que normatizam as cidades. O fenômeno que cabe ser citado - especialmente pelo seu desconhecimento pela população que não anda de skate – é a presença de lugares nos quais a prática do skate é proibida ou coibida.

O skate de rua nasce e se desenvolve a partir de uma contradição do desenvolvimento das cidades baseadas em elementos do modernismo arquitetônico. A cidade que cultua um consumo passivo de si própria (desde que não atrapalhe o ritmo dos fluxos e a ordem) produz também usos que resistem ao domínio desta razão. Esse uso insurgido é inibido ou reprimido através de práticas higienistas que se verificam na repressão de outros corpos que fazem um uso “inadequado” das cidades (moradores em situação de rua, alguns pedestres, ambulantes, noiás etc.).

Em termos de proibição oficial, nos dois principais centros do skate mundial (Los

Angeles, San Diego, San Francisco nos Estados Unidos e Barcelona na Espanha) a prática do skate é proibida nas ruas e inclusive em alguns pontos históricos da prática do skate. No caso das cidades da Califórnia, local do nascimento do skate como o conhecemos e centro da indústria e mídia especializadas, a prática de skate em lugares diferentes das pistas de skate é passível de multas de até US\$ 250 e de apreensão dos skates dos (as) praticantes⁶. Já na cidade Catalã, famosa para skatistas por conta das imagens de manobras no MACBA, na estação de Los Saints e na praça de Para-lel (a cidade inclusive conta com guias online dos picos novos e tradicionais⁷), a prática do skate é radicalmente proibida, sendo considerada um “acto incívico”. Recentemente uma campanha intitulada de “STOP a los actos incívicos” enquadrou criminalmente a prática do skate em lugares diferentes dos designados, a realização de grafites, o consumo de álcool, urinar nas ruas e a prostituição. Tais práticas, tidas como mais frequentes no verão (por conta dos excessos juvenis), ameaçam a segurança social e são passíveis de multas de até 3000€⁸.

Considerando o quadro das cidades acima e a proibição da prática do skate nas ruas de São Paulo durante a gestão de Jânio Quadros, fica clara a sensibilidade que o corpo de skatistas deve ter para poder realizar suas performances em segurança. Os casos ilustrados acima são reflexos de políticas públicas oficiais, porém, se considerarmos a possível arbitrariedade de agentes policiais e demais seguranças particulares, a preocupação de skatistas ao andarem de skate deve ser reforçada.

Uma atenção especial deve ser dedicada ao discurso que embasa a proibição e coibição da prática do skate de rua em alguns pontos estratégicos. Um fio condutor que liga todos os exemplos acima é um raciocínio de higienização e esterilização das ruas, promovendo a eliminação de um grupo que enfrenta uma concepção de espaço asséptico, tão cara aos gestores das cidades citadas acima. O mote da campanha eleitoral de Jânio Quadros ao governo do Estado de São Paulo e à presidência do Brasil apoiava-se na metáfora da “vassourinha” que promoveria um “Brasil moralizado”⁹, com isso fica clara sua

⁶ Acessado no sistema de informação legislativa da California em 24/02/2016. Disponível em: http://leginfo.legislature.ca.gov/faces/codes_displaySection.xhtml?lawCode=PEN§ionNum=640.&highlight=true&keyword=skateboard+skateboarding+skate

⁷ Acessado em 24/02/2016. Disponível em: <https://barcelonaskatespots.wordpress.com/>

⁸ Acessado em 24/02/2016. Disponível em:

<http://www.elperiodico.com/es/noticias/barcelona/20100523/bcn-lanza-una-campana-contra-los-actos-incivicos/print-273831.shtml> e <http://lamonomagazine.com/skateboarding-en-barcelona/>

⁹ Estrofe do jingle de campanha à presidência do brasil em 1960

intenção com a proibição da prática do skate no Parque do Ibirapuera e, posteriormente, nas ruas da cidade de São Paulo: o combate a práticas que poderiam ofender a moralidade paulistana, como o skate de rua, a presença de bailarinos homossexuais no Balé do Teatro Municipal e o uso de sunga ou “biquinis fio dental” no Parque do Ibirapuera.

O caso de Barcelona pode ser lido a partir da tentativa de manter a cidade como um polo da cultura institucionalizada, com sua frondosa arquitetura, renomados museus e ruas controladas, eliminando qualquer traço não-cívico da cidade a custos de quase 4 salários mínimos. Já nas citadas cidades do Sul da Califórnia (que contam com pelo menos 145 pistas públicas¹⁰) a proibição do skate está relacionada ao notável investimento no fomento do skate em pistas, seja pela construção das mesmas ou pela campanha de criminalização do skate fora delas.

No município de São Paulo não há qualquer regulamentação quanto a prática do skate em espaços públicos, porém as principais políticas institucionais voltadas ao desenvolvimento da prática são coordenadas pela Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação em associação com a Federação Paulista de Skate e a Secretaria de Esporte, Lazer e Juventude do Estado de São Paulo. Cabe dizer que a ação dessas instituições é notada com o fomento à construção de pistas (hoje são 39 pistas públicas na cidade) e a promoção de circuitos de campeonatos, ou seja, operam em função do skate como um esporte a ser confinado em espaços “adequados”. Em oposição a essa modalidade esportiva, o skate de rua é um jogo que pulsa pela capilaridade da cidade.

Embora a agregação de skatistas em praças seja considerado um fator de desvalorização imobiliária (por conta do barulho, consumo de drogas, uso do espaço a altas horas da madrugada, promoção de festas, etc.), skatistas também podem ser utilizados como uma alavancas para processos pavorosos da “revitalização” urbana. O caso do Love Park, famosa praça na Filadélfia, é emblemático na passagem do skate como uma prática útil à especulação imobiliária a um empecilho para a valorização da área.

A praça, concebida no final dos anos 60, apresentava um uso heterogêneo até o final da década de 80. Porém, após as reformas econômicas de Ronald Reagan (redução dos gastos públicos e diminuição do controle da economia), o Love Park se tornou o

¹⁰ De acordo com esse site gerido por skatistas que compartilham as informações e descrição das pistas nessa região do estado, disponível em: <http://www.socalskateparks.com/listing/results.php>

principal ponto de agregação de novos moradores de rua decorrentes das reformas referidas como “Reagonomics”. Após uma década da praça se configurar como abrigo para os novos miseráveis americanos do neoliberalismo, skatistas começaram a frequentar uma praça que parecia ter sido feita sob encomenda para suas manobras. O espaço contava com um chão extremamente liso, bancos e bordas deslizáveis de diferentes alturas, escadas, vastos bulevares e a ausência de policiais ou de seguranças que pudessem atrapalhar as sessões.

Com esses diferentes usos convivendo ao longo dos anos 90, aos poucos as pessoas que trabalhavam na área comercial ao redor da praça sentiram que o espaço era seguro. HOWELL (2005) ex-skatista profissional, arquiteto e professor universitário apresenta em um artigo o seguinte processo:

“Skatistas fizeram com que a praça parecesse segura novamente. Como Ricky Oyola¹¹ comentou, se esses garotos não estão com medo, por que eu deveria ter? Eu que sou um adulto de 30 anos voltando do trabalho. Uma vez que era seguro para jovens skatistas, é seguro para os jovens trabalhadores dos escritórios. Uma vez que é seguro para esses rapazes, é mais seguro para as jovens trabalhadoras dos escritórios, depois para pessoas mais velhas e assim por diante”(HOWELL, 2005, trad do autor)

Ainda que a prática do skate de rua na praça tenha sido capitalizada através de campeonatos internacionais (a franquia “x-games” trouxe US\$80 milhões de receita para a cidade), chegou um momento em que os(as) skatistas já haviam sido úteis para a expulsão dos moradores de rua e agora eram o novo enclave para uma ocupação mais “apropriada”. As primeiras iniciativas foram a proibição do uso de skates na praça sob ameaça de multas e a construção de uma pista que imitava elementos da Love Park em áreas afastadas da cidade. Ambos ataques foram ineficazes, em especial pela impopularidade da Paine’s Park, fruto de sua reprodução fantasiosa da ambiência do Love Park.

Entre os anos 2000 e 2016 skatistas resistiram na praça sob ameaça de multas e de ofensivas policiais, porém a total remodelação da praça - e consequente expulsão dos(as) skatistas - em função de um gigantesco estacionamento privado subterrâneo iniciou-se em 2016.

Para além dessas represálias evidentes, a coibição da prática do skate a partir de

¹¹ Ex-skatista profissional norte-americano.

outros meios é frequente e passa desapercebida pela população que não pratica essa atividade. Alguns artifícios apelidados de “skate stoppers” surgiram nos Estados Unidos e se popularizam em cidades que buscam impedir a prática do skate em algumas áreas¹². Essas travas de ferro costumam ser aplicadas em corrimões e bancos, impossibilitando que skatistas deslizem sobre essas superfícies. Outros artifícios empregados são o posicionamento de vasos, canteiros e grades em frente aos possíveis obstáculos e a troca de um piso favorável por um que não atraia skatistas. Recentemente observamos a instalação de paralelepípedos em dois pontos tradicionais do skate paulistano, a “ladeira do alves”, localizada na pompéia e a “ladeira da morte”, localizada no Sumaré¹³.

A relação entre ocupação das ruas e o uso que é feito a partir dessa ocupação é um vetor que nos ajuda a entender os esforços pela contenção de skatistas em espaços que deveriam suprir as necessidades dessa atividade. Com base na breve caracterização apresentada até agora das práticas de skatistas em sua apropriação da cidade, é notável um embate entre aquilo que agrupa skatistas de rua (seus interesses, hábitos, perspectivas e uso da cidade) e a razão que dirige a manutenção das vidas na e da cidade. As particularidades no uso do tempo, do espaço e do corpo, confrontam-se com os usos estabelecidos como razoáveis para/na cidade contemporânea.

Tal embate pode integrar o tensionamento entre as noções de apropriação e propriedade, na medida em que as práticas de skatistas de rua são do nível do uso, da pulsão, do corpo e da criação, promovem um enfrentamento com a lógica da propriedade como não-apropriação .

Portanto, vida resultante de cidades que promovem a morte da rua – proposta do modernismo arquitetônico de Le Corbusier – é combatida corporalmente por parte de skatistas de rua. Esse enfrentamento se dá na prática dessa atividade, seja por meio da apropriação de espaços públicos e privados em função do desenvolvimento das performances desejadas (inclusive ressignificando o que é “rua”) ou pelo desenvolvimento da cultura do skate de rua, cultuando e produzindo símbolos que reafirmam a tomada das

¹² De acordo com o site de uma das marcas que oferecem essa trava para skatistas, mais de 1 milhão de unidades já foram vendidas e aplicadas em mais de 10 000 locais ao redor do mundo. Acessado em 24/02/2016 <http://www.skatestoppers.com/>

¹³ Os sites abaixo apresentam um panorama dos skatistas frente à instalação dos paralelepípedos. <http://ceporcentoskate.uol.com.br/fiksperto.php?id=3064> e <http://www.campeonatosdeskate.com.br/2012/04/21/pico-de-skatistas-ha-40-anos-ladeira.html>

ruas.

Ao compreendermos o skate de rua como uma performance lúdica que é implicada na reinterpretação da cidade, o jogo desses skatistas remete a um Desvio¹⁴(DEBORD e WOLAMN, 1956) tanto das formas da cidade e suas representações (o espaço previamente desencarnado abriga um uso insurgido: essa tomada à força da cidade é retratada em fotos e vídeos), quanto dos gestos e comportamentos que essas formas suscitam.

A cultura e a prática do skate de rua consistem em tomar as ferramentas dos inimigos (leia-se a cidade moderna, normatizadora e asséptica) e subvertê-las a fim de combatê-los. O que skatistas de rua tem feito é um Desvio aplicado à vida social (GONÇALVES, 2015), removendo do contexto original as formas de uma cidade que não é concebida e construída para quaisquer práticas fundadas na criação, na fruição, no uso e na apropriação.

¹⁴ Do original “détournement”. Ainda que essa formulação tenha sido pensada no contexto das obras de arte e propaganda, o valor do desvio reside na subversão de algo que se apresenta como único/verdadeiro/ideal. O skate de rua desvia as ruas que, em sua concepção urbanística, não o concebe em seu rol de comportamentos apropriados.

Capítulo 2: As ruas

2.1 – A rua em contexto

“O homem na rua moderna, lançado nesse turbilhão, se vê remetido aos seus próprios recursos — frequentemente recursos que ignorava possuir — e forçado a explorá-los de maneira desesperada, a fim de sobreviver. Para atravessar o caos, ele precisa estar em sintonia, precisa adaptar-se aos movimentos do caos, precisa aprender não apenas a pôr-se a salvo dele, mas a estar sempre um passo adiante. Precisa desenvolver sua habilidade em matéria de sobressaltos e movimentos bruscos, em viradas e guinadas súbitas, abruptas e irregulares — e não apenas com as pernas e o corpo, mas também com a mente e a sensibilidade. (...) Essa mobilidade abre um enorme leque de experiências e atividades para as massas urbanas.” (BERMAN, 2007, p.190 e 191)

O surgimento do skate é, ainda que não reconhecidamente, o início do skate de rua. Quando o brinquedo dos anos 50 e 60 tomou as ruas dos Estados Unidos não havia uma dissociação entre espaços adequados para a prática ou não. Logo a rua está no cerne do desenvolvimento do skate, seja nos seus momentos de maior popularização ou no auge da marginalização da prática. Porém, é fundamental reconhecer que o skate de rua passa de uma brincadeira popular e reconhecida a um elemento da contracultura em um contexto histórico bastante particular.

A expressão “Summer hits” se refere aos brinquedos lançados nas férias de verão nos Estados Unidos. Essa tradição (mais presente nos anos 1950,60) era uma forma de introduzir novos jogos e brinquedos totalmente datados que, não por serem perecíveis ou descartáveis, eram abandonados quando a próxima novidade aparecia. Os principais exemplos são o patins, o bambolê, o iô-iô e algo similar ao skate.

A história da transformação do brinquedo e da brincadeira descartáveis em uma prática duradoura já foi contada em diversos espaços. O filme “Os reis de dogtown” (EUA, 2005) e o documentário “Dogtown and Z-boys”(EUA, 2001) são os principais relatos dessa passagem. O historiador Leonardo Brandão (2006) discorre magistralmente sobre essas fontes, considerando sua complexidade como documento e discurso, portanto ficarei circunscrito a fazer um breve resumo e uma pequena contribuição.

Não há uma grande clareza sobre quem fabricou o primeiro skate como o conhecemos, porém o mesmo passou a surgir com aspectos similares em diversos lugares dos Estados Unidos simultaneamente. A história que foi tomada como central é a da encomenda e elaboração de skates que pudesse suprir as necessidades dos surfistas em períodos sem ondas, praticando aquilo que foi chamado de “Sidewalk surfing” (em tradução

livre, “surfe de calçada”). Os primeiros skates que remetem àquilo que chamamos de skate eram transformados e vendidos nas lojas de surf californianas, e o público que incorporou essa prática ao seu cotidiano eram surfistas.

Definitivamente o valor factual dessa interpretação é inquestionável. Essas informações estão documentadas e, à primeira vista, a mudança da função que o skate servia à juventude foi decorrente da oscilação no regime das ondas das praias californianas. O que ponho em questão aqui é que a transformação econômica, política e social pela qual os Estados Unidos passou nessa virada de décadas possibilitou uma outra prática corporal nas cidades.

O período a qual me refiro (pós-segunda guerra mundial) foi talvez o mais marcante para a sociedade ocidental no século XX, em especial para o país em questão. O que esteve imposto a essas pessoas não foi somente uma guinada econômica e política nacional para assumir o papel de potência mundial, passando a ocupar uma função nova na divisão internacional do trabalho e na geopolítica internacional. O forte desenvolvimento do padrão já existente de cidades (rodoviarista, com metrópoles regionais, e repleta de fundamentos do modernismo arquitetônico) também marcou as mudanças pelas quais essa geração passou. Porém os elementos mais reconhecidos dessa transformação se deram no nível da produção cultural - considerando a relação dialética entre infraestrutura e superestrutura (MARX, 2008) - e das reivindicações da sociedade civil. Os expoentes do primeiro foram o movimento beat e o movimento hippie, e do segundo foram os movimentos civis em defesa dos direitos das mulheres, negros(as) e pela defesa de uma liberdade comportamental através da sexualidade, religiosidade e demais esferas da vida.

Portanto o skate de rua surgiu como uma válvula de escape para corpos aprisionados em diversas esferas, entre elas a do cidadão médio americano, mero trabalhador e consumidor comportado. Não é de se surpreender que nessa cronologia surgem o movimento hippie, punk e hardcore, todos carregando a crítica ao estilo de vida padrão norte-americano (ainda que absolutamente cercados pela lógica do consumo). Colocando em termos mais óbvios, e nem por isso menos úteis, o skate de rua como estilo de vida passou a fazer sentido nesse período.

Auxiliando a reflexão acima, o trecho de BRETON (2012) apresenta esse mesmo período como essencial para a sociedade ocidental firmar a dissociação entre homem e corpo:

"Um novo imaginário do corpo desenvolveu-se nos anos 1960. O homem ocidental descobre-se um corpo, e a novidade segue seu curso, drenando discursos e práticas revestidos da aura das mídias. O dualismo contemporâneo opõe o homem ao seu corpo. As aventuras modernas do homem e de seu duplo fizeram do corpo uma espécie de alter-ego. Lugar privilegiado do bem-estar (a forma), do bem-parecer (as formas, body-building, cosméticos, dietéticas etc.), paixão pelo esforço (maratona, jogging, windsurfe) ou pelo risco (escalada, "a aventura" etc.). A preocupação moderna com o corpo, no seio de nossa "humanidade sentada", é um indutor incansável de imaginário e de práticas."(BRETON, 2012, p.10)

No caso brasileiro um paralelo interessante a se fazer é a relação entre a popularização da prática, o avanço do movimento punk e o processo de redemocratização. Tais fenômenos observados em meados dos anos 80 podem ser também associados à expansão do movimento hip-hop e ao surgimento da pixação como a conhecemos. Em comparação com os eventos que se deram nos Estados Unidos, possivelmente essas mudanças culturais foram sentidas muito mais intensamente nos grandes centros urbanos brasileiros (SP e RJ), já nos Estados Unidos esses levantes foram observados em ambas as costas e em outros estados "fora do eixo".

Tendo afirmado a relevância do panorama sócio-cultural nas práticas corporais, entre elas o skate de rua, é importante apresentar uma breve análise das décadas mais determinantes para a indústria e para a prática do skate.

2.2 - Entre a popularidade e a marginalidade

Ao longo dos anos 60 nos Estados Unidos, o skate tem um forte desenvolvimento como esporte popular, cercado de competições, times de skatistas patrocinados por lojas, construções de pistas e veiculação midiática. Nesse primeiro momento de grande desenvolvimento do skate, as performances eram adaptações das manobras realizadas no surfe, porém utilizavam as ruas e suas diferentes texturas para reinterpretar os movimentos executados nas ondas.

No entanto, com a passagem para os anos 70 o skate (ainda predominantemente norte americano) perde popularidade graças a uma grande queda no mercado especializado, ocorrida tanto pelo grande número de acidentes que arriscavam praticantes e pelas complicações acarretadas por isso, quanto por uma conjuntura econômica mundial.

Nesse contexto ocorre uma aproximação com a efervescente contracultura do movimento punk/hardcore dos Estados Unidos, já que os (as) praticantes passaram por uma marginalização após a saída do skate dos holofotes.

Entre os anos 80 e 90 o que se viu foi mais um auge e uma decadência do skate como prática acessível à população como um todo. Nos anos 80 surgiram diversas mega-estrelas como Christian Hosoi, Tony Hawk e Steve Caballero, porém as atenções a esses astros se perderam, como é próprio de um frenesi geracional. A virada importante foi quando nos anos 90 skatistas de rua americanos tomaram conta da indústria e criaram suas próprias marcas e mídias, deixando de depender da aprovação de empresas e empresários de fora do skate.

No Brasil essa oscilação não foi diferente. As primeiras décadas de maior desenvolvimento do skate ilustram uma tendência que se desenhou na cena do skate até a atualidade. Os ápices de aceitação ou rejeição da prática perante a sociedade que não é skatista ocorrem de acordo com a aproximação de grandes empresas (do ramo esportivo e midiático ou não). Com uma clara perspectiva de apresentar a atitude e a vivência de praticantes do skate a diferentes mercados consumidores, tais empresas investem em campeonatos, na cobertura midiática dos eventos e no desenvolvimento de produtos para certos nichos. Porém, seja a fim de reproduzir uma prática consumida em propagandas de refrigerantes ou de enfrentar uma cidade que não os(as)-pertence, skatistas seguem ocupando as ruas e atribuindo profundos significados a essa insurreição que une todas as versões do skate de rua.

2.3 - Rua na prática e na cultura do skate de rua

Assim como qualquer grupo que se une em função de algum traço comportamental, cultural, étnico-racial ou histórico, skatistas de rua possuem também seus códigos de comunicação e símbolos específicos que marcam sua sociabilidade. Esses códigos perpetuam-se seja pelo aperto de mão com o cruzamento dos dedos, seja pela troca de ideias sobre os picos clássicos e novos, ou pelas gírias tão próprias de um vocabulário composto ao longo de décadas em uma troca internacional de “cenas” de skate. A “rua”, tão evocada por letras de rap, pixações, empreendimentos comerciais e movimentos culturais contemporâneos, é central na análise da experiência da prática do skate de rua

em São Paulo e no mundo.

Se essa investigação pretende dissociar a prática do skate como esporte institucionalizado do skate de rua, é central analisar a acepção dada à ideia de rua por elementos da cultura desse grupo. O seguinte trecho dessa investigação enviesará na análise do sentido atribuído à “rua” por parte de skatistas a partir de imagens veiculadas pela mídia específica, pela interpretação do sentido da presença da imagem do skate em pixações e pela análise de outros aspectos dessa cultura.

Uma expressão recorrente utilizada por seus pares para atribuir respeito a um (a) skatista é “Esse cara/essa mina é rua¹⁵”. Mas o que é “rua” para skatistas de rua? É a mesma “rua” reivindicada por manifestantes políticos? Possui elementos da mesma “rua” aclamada por João do Rio e Baudelaire? O adjetivo empregado acima se referiria a outros grupos que brigam pela ocupação do mesmo espaço público? Primeiramente é fundamental separar aquilo que para esse grupo é a rua, daquilo que não é a rua.

O que faz com que se pratique o skate de rua é a espacialidade dessa prática, ainda que as implicações da mesma não se encerram no aspecto espacial. Caso a sessão tome como palco um espaço público ou privado cujo fim não é essa atividade, isso é skate de rua. Se a prática restringe-se aos espaços delimitados a essa atividade, a mesma não se constitui uma prática de rua. Porém, o aspecto simbólico é mais importante do que uma questão formal referente à área da prática do skate. Ser “rua” é integrar uma cultura de ocupação forçada de locais negados institucionalmente, em outras palavras é transgredir.

Como exemplos de picos de rua podemos citar praças, calçadas, fachadas, escadas, telhados, paredes, entre muitos outros possíveis. Sejam esses equipamentos públicos ou privados, a não finalidade desses obstáculos à prática do skate é o que torna essa espacialidade “rua” para esse grupo. Portanto, alguém ser “rua” passa pela sua preferência e engajamento na ocupação de espaços não predeterminados ao seu desempenho. Porém são notáveis algumas contradições que se apresentam ao utilizarmos essa definição.

Quando um espaço que não era determinado à prática do skate é ocupado e apropriado por skatistas, com o tempo esse espaço torna-se determinado à prática do skate, coibindo ou limitando outras apropriações nesse mesmo espaço. Dois exemplos da

¹⁵ Tal expressão pode ser notada no seguinte quadro que retrata o skatista paulista Everton Maninho e nas seguintes menções que se referem a ele como o “Pai das ruas”.
http://arquivos.cemporcentoskate.com.br/arquivos/21671_3.jpg, acessado em março de 2016.

região na qual essa investigação se baseia exemplificam essa contradição: O Vale do Anhangabaú foi apropriado por skatistas de tal forma que moradores de rua e trabalhadores em seu horário de almoço sabem que terão que disputar por um pedaço dos degraus que compõem esse boulevard com corpos deslizantes (BRANDÃO, 2006). O mesmo exemplo é possível ao analisarmos o caso da nova Praça Roosevelt, já que a prática do skate foi proibida por ser considerada limitante de outros usos da praça. Atualmente a praça é tomada por skatistas (além de outros grupos minoritários de jovens, em busca de lazer e cultura) que inclusive “ganharam” uma reforma que repaginou uma parte da praça para atender às demandas desse grupo.

A prática do D.I.Y¹⁶, emprestada do movimento punk e hardcore, compõe a prática e o imaginário de skatistas de rua do mundo todo. A transformação de picos ruins em “skatáveis” através de reformas autofinanciadas tem ganhado uma grande dimensão na cidade de São Paulo, seja pela criação do “Generics” na Vila Madalena, da Praça Dina em Santo Amaro, do “Beco Valadão” na Faria Lima ou por diversas outras reformas em calçadas rachadas, bancos e paredes pela cidade. Porém essas transformações ajudam a constituir um espaço como próprio para a prática do skate, ainda que não seja um espaço projetado com esse objetivo.

A importância simbólica e efetiva da ocupação da rua evidencia-se pela notável desconsideração da mídia especializada por imagens de manobras praticadas em pistas ou sob a proteção de equipamentos de segurança. Um exercício realizado nessa pesquisa promoveu uma contagem da quantidade de imagens coletadas na rua e em pistas, a partir da definição de “skate de rua” apresentada no início desse capítulo¹⁷.

Veículo / Espaço da prática	Imagens coletadas na rua	Imagens coletadas em pistas
Cemporcento skate, Brasil – edição 195 (2016)	60	10
Thrasher magazine, EUA – edição 423 (2015)	106	23
Soma Skateboard Medecine, França – edição 34 (2013)	38	17

Com base na prática do skate de rua que tem destaque em revistas especializadas do mundo todo, é visível o desapreço por imagens coletadas em pistas ou com

¹⁶“ Do it yourself” ou “Faça você mesmo”.

¹⁷ No tocante à produção de registros das diferentes cenas de skate ao longo de sua história, é fundamental salientar a importância da produção audiovisual e fotográfica estar majoritariamente sob o comando de skatistas, apesar da entrada massiva de grandes empresas interessadas em explorar o nicho “radical”. Ou seja, tais arquivos foram filmados, fotografados, editados, produzidos e distribuídos por pessoas implicadas em suas composições.

equipamentos de segurança. Em contraposição às imagens obtidas sob as asperezas e intempéries da rua, as pistas soam como menos desafiadoras à prática do skate, portanto recebem menos atenção e cobertura (cabe frisar que muitas vezes a mídia leiga ocupa-se de cobrir os grandes eventos do skate praticado em lugares planejados para isso).

Porém um questionamento essencial que vincula-se às informações da tabela acima se refere à apropriação (apropriação falsa, com uma finalidade financeira) que é feita da prática e da cultura de skatistas por parte de empresas de dentro e de fora do ramo. A prática do skate esteve fortemente associada à contracultura e à marginalidade (desde a sua dissociação entre brinquedo da moda e objeto utilizado por surfistas quando as ondas estavam em baixa), porém a utilização dessa marginalidade, a fim de criar uma estética mais vendável a uma juventude insatisfeita em reproduzir os valores tradicionais, é uma constante que acompanha os ciclos de popularidade do skate dos anos 70, 80, 90, 2000 e 2010.

Parece pertinente então filtrar certos conteúdos embebidos do discurso “da rua”, porém sem o respaldo das verdadeiras cenas de skate de rua ao redor do globo.

2.4 - A rua à venda.

Um exemplo assustador da produção e consumo desses símbolos é o aparecimento do campeonato internacional *Street League Skateboarding*¹⁸ em 2010. Esse circuito, que é transmitido pela grande rede de canais FOX, constrói e destrói pistas novas que imitam os equipamentos urbanos buscados por skatistas de rua a cada etapa desse torneio, ocupando famosas arenas de outros esportes como hóquei e basquete. Para além do aspecto concreto da espetacularização do skate de rua (produção de obstáculos artificiais que simulam as formas encontradas na rua), essa sequência de campeonatos reivindica também o nome de “Liga do Skate de rua” e usurpa o aspecto da camaradagem das sessões de skate, simulando um clima amigável (próprio das verdadeiras sessões de rua) e uma progressão conjunta das performances de todos(as) os (as)¹⁹ participantes.

Logo os corpos dos (as) “atletas” são condicionados a uma sequência de manobras

¹⁸ Liga de skate de rua, em tradução livre.

¹⁹ Em 2015, após 5 anos do surgimento da liga, houve a primeira edição do campeonato com a participação

que serão avaliadas e apreciadas em função de uma nota. As performances acontecem individualmente e cada skatista tem o seu turno, com direito a replay e melhores momentos. Com essa roupagem atlética, a suposta sessão de skate de rua é organizada em função de rotinas, pontuações, rodadas, eliminações e, como não poderia ser diferente, um bombardeio de propagandas de empresas de segmentos alheios à prática do skate.

As principais etapas desse campeonato contam somente com skatistas homens e a premiação oferecida por uma marca de tênis, outra de bebidas energéticas e outra de câmeras fotográficas é de mais de U\$1.000.000. O campeonato é tido como o mais avançado no seu sistema de avaliação, e é tido (com temor por muitos skatistas de rua) como a porta de entrada do skate para as olimpíadas.²⁰

O consumo, ideologia dominante camuflada por detrás do espetáculo a qual as performances são submetidas, vale-se da banalização e da tomada de diversos aspectos da prática do skate de rua a fim de incrementar inúmeras mercadorias. Tal processo de decomposição (DEBORD, 1957 apud JACQUES, 2003) denota o caráter fetichizado com o qual a cultura nos é apresentada em quaisquer momentos de realização da vida. É importante sinalizar que todas as outras manifestações da cultura do skate de rua (tenham elas como finalidade a venda de algum produto ou não) também estão sujeitas à decomposição, cabendo reconhecer o caráter contraditório de afirmar positivamente uma cultura do skate de rua.

A *Street League of Skateboarding* é voltada para a apreciação de skatistas e para a aproximação de não skatistas a esse “esporte”. Porém, a imagem fantasiosa que se constitui de skatistas durante esse campeonato é utilizada por diversos outros discursos, ainda mais esvaziados e distantes da realidade do skate de rua. Chega ainda a ser um dos temas principais da novela jovem “Malhação” da rede globo, integrar propagandas do exército (anexo 5) e estrelar propagandas de empreendimentos imobiliários que reivindicam essa prática como um novo componente da mobilidade urbana (anexos 1,2,3 e 4).

No trecho abaixo, LEFEBVRE (1977) nos ajuda a entender esse momento da perda do estilo de vida de skatistas de rua por conta do consumo insignificante de seus traços

de mulheres. O evento foi uma versão simplificada do campeonato, com uma premiação mais modesta (U\$30.000) e uma cobertura midiática muito menos enfática.

²⁰ No decorrer da pesquisa o Comitê Olímpico Internacional declarou a nomeação do skate como modalidade experimental dos jogos de Tóquio, em 2020.

constitutivos:

“Quando não há mais o mistério, o mágico, o ritual, vividos com intensidade afetivamente, realmente, e então eles são vividos de modo degradado. Já não prevalecem as circunstâncias históricas que definem o seu contexto. Noutra situação, eles reaparecem de forma insólita. É o bizarro(...). O fundamento: quando o mistério desapareceu de nosso mundo e as imagens insólitas excitam e são usadas para isto. Sem o antigo prestígio, ele entra no jornalismo, na propaganda, na moda, etc.”(LEFEBVRE, 1977, p.130 a 132)

Outro exemplo nefasto dessa incorporação (fugindo da acepção do termo relacionada à tomada por corpos) está presente na produção cinematográfica americana, especialmente com o recente “We are blood”²¹ (EUA, 2015). Esse filme foi lançado como propaganda de uma marca de bebidas energéticas, e conta com um time de estrelas do skate televisionado mostrando o vínculo que existe entre skatistas de rua pelo mundo todo, somente pelo fato de termos em comum a paixão por essa prática. As filmagens tiveram como set Brasil, Espanha, Estados Unidos e Dubai e contam com câmeras de última geração, viagens de helicóptero, a prática de outras atividades radicais e, como não poderia faltar, grandes atuações de suposta camaradagem nas sessões. Para além desse filme cabe sinalizar o pioneiro Street Dreams (EUA, 2009), longa que conta a história de um jovem skatista em busca da profissionalização e dos seus “sonhos da rua”.

Mas o skate de rua não aparece no cinema somente como uma roupagem para produtos voltados ao público jovem. Kids (EUA, 1995) apresenta o skate de rua como uma das atividades de um grupo de jovens imersos na marginalidade e envoltos em um espectro de brigas, consumo de drogas, festas e do surto de AIDS. Esse filme também conta com skatistas profissionais do período, porém os retrata assim como eram, adeptos da vida de rua de Nova Iorque. Os documentários nacionais “Dirty Money” (Brasil, 2010) e “Vidas sobre rodas” (Brasil, 2010) e o estadunidense “Deathbowl to downtown” (EUA, 2008)²² promovem uma produção cinematográfica pensada e composta por skatistas, a fim de demonstrar a prática do skate nesses períodos e a cultura do skate de rua produzidas por essas diferentes cenas.

Portanto cabe afirmar que a prática do skate de rua sofre a tentativa de ser enjaulada nas verdadeiras *cidades artificiais* (BRANDÃO, 2006) criadas para conter o ímpeto pela ocupação da cidade. Junto a isso, os símbolos e signos dessa cultura também sofrem uma

²¹ “Nós somos sangue”, em tradução livre.

²² “Do bowl da morte até o centro da cidade”, em tradução livre.

intensa incorporação a fim de mercantilizar um estilo de vida, seja através do cinema, da indústria da propaganda ou da televisão. A partir disso, como afirmou SEABRA (1996), “O consumo do signo ameaça o ‘uso’ como fruição, como desfrute”.

O verdadeiro discurso de skatistas de rua é baseado em elementos da marginalidade²³ e, ainda que consumamos a marginalidade como mercadoria, nisso reside parte da *insurreição do uso* (SEABRA, 1996) contida na apropriação que esses(as) sujeitos(as) fazem da cidade e de seus signos. A prática e a cultura do skate de rua dependem da tomada e da subversão das formas do urbano e dos signos que emergem desse espaço.

²³ Como o slogan perpetuado pela revista americana Thrasher Magazine “Skate and destroy” (Ande de skate e destrua, em tradução livre), reproduzido comumente em diversas cenas do skate pelo mundo.

Capítulo III: O centro de São Paulo

3.1 - Skate de rua e o centro da cidade de São Paulo

Para investigarmos certos relevos psicogeográficos que acusam a presença ou passagem de skatistas de rua, tomemos como exemplo a região escolhida como estudo de caso nesse trabalho. O centro de São Paulo é, sem sombra de dúvidas, a região que mais recebe skatistas na e da cidade. Tal situação se confirma pela magnitude dos picos tradicionais (Praça Roosevelt, Praça da Sé, Pátio do Colégio, Vale do Anhangabaú, teatro municipal) e pelos novos picos que são ocupados diariamente (novo calçadão do Brás, nova praça Roosevelt, nova ciclovia do minhocão, novos decks urbanos). O centro de São Paulo abriga também grande parte das lojas especializadas do ramo e é a marca registrada da cidade para skatistas de rua do mundo inteiro, tal fato se traduz na tradição de certos eventos internacionais no centro de São Paulo (DC King of São Paulo, Go skateboarding day, Emerica Wild in the streets²⁴) e na constante divulgação de imagens de skatistas estrangeiros nos picos centrais da cidade. Porém, para o descontentamento de grande parte dos (as) skatistas, esses picos são cercados por calçadas construídas à base de pedras portuguesas, calçadas sem padronização e ruas tomadas por imponentes automóveis. Com isso, a aglomeração de skatistas se dá nesses pontos especialmente por conta do chão liso, sendo um fator essencial inclusive na percepção corporal do espaço, possibilitando um desempenho mais suave e menos “truncado”²⁵.

Os espaços diferentes da rua do automóvel promovem aos corpos não motorizados um ritmo diferente e menos hostil, possibilita encontros e encontrões. Nesse campo localizam-se os principais pontos que atraem skatistas para o centro da cidade. Tais pontos propiciam que diferentes skatistas se encontrem, conversem, apresentem suas manobras e suas cenas locais, povoando desde largas calçadas e praças vastas, a becos e bancos escorregadios. Entre rolês à deriva ou a caminho de um local conhecido, há espaços que,

²⁴ - O primeiro dos eventos é um campeonato que acontece em picos tradicionais de diversas cidades do globo, os segundos são encontros de skatistas que reunem-se no dia 21 de junho - o chamado “Go skateboarding day” - em diversas cidades do planeta.

²⁵ - Em inglês as expressões “crusty by nature” e “all terrain” referem-se à disposição de certos skatistas de realizar suas manobras apesar das condições dos picos, especialmente escolhendo obstáculos por conta de sua dificuldade “natural”.

com o desenvolvimento da territorialização do skate, passam a atrair e a abrigar praticantes dessa atividade.

O centro da cidade também ocupa um papel importante em uma metrópole cujos extremos pouco entram em contato. Assim como o “point” dos pixadores e pixadoras, os primeiros encontros da cultura hip-hop paulistana e as aglomerações de movimentos sociais, o centro da cidade é um ponto convergente para skatistas que saem de todos os cantos da cidade e se encontram onde uma cena muito viva se deflagra. O centro da cidade de São Paulo é fundamental na cultura do skate de rua brasileiro e serve como um ponto de encontro para skatistas que saem das ruas e pistas de seus bairros para ver o que outros (as) skatistas de outras áreas estão fazendo.

Porém não é só em função do prazer lúdico e da atividade física que skatistas transpõem enormes distâncias até o centro da cidade de São Paulo. Reside um elemento simbólico muito importante nessa tomada do centro da cidade, especialmente por parte de skatistas cujo cotidiano não remete à ocupação do mesmo. O centro da cidade, tanto quanto outras áreas periféricas, não evocam e possibilitam uma sensação de pertencimento, especialmente pela hostilidade perante o outro corpo. A tomada de um centro, espacial e socialmente distante, se torna possível pela ressignificação desse espaço, previamente hostil e normatizado, em uma área que incorpora diferentes tendências e é aberta a skatistas de qualquer ponto da cidade.

Andar de skate no centro da cidade é viver uma experiência que atravessa gerações de skatistas que ocuparam e ocupam esses espaços. Tal experiência é mediada pela sensação de fazer parte de uma cena que se desenha, pelo contato com picos que somente eram conhecidos por vídeos/fotos e pela visibilidade que o centro da cidade proporciona aos diferentes estilos e manobras que pouco são vistas até serem apresentadas no epicentro do skate brasileiro. A captura de imagens e produção de vídeos de skate é o registro mais precioso para skatistas e muitas vezes o motivo do deslocamento de skatistas para o centro. “Quem não é visto não é lembrado”, lançado em 2007 pela BS Crew, sintetiza em seu título parte do simbólico de usar as ruas do centro em função do skate.

3.2 – A deriva inconsciente no skate de rua

Como apresentado em diversos momentos dessa investigação, o registro por vídeo ou foto é uma finalidade vital da prática do skate de rua: em parte para comprovar que as manobras clamadas foram executadas, em parte para transmitir - por meio de uma produção que integra música, fotografia e efeitos audiovisuais – o que é a experiência de se andar de skate. Em um universo com tantos veículos midiáticos especializados e um volume imenso de material sendo distribuído pela internet, é necessário que skatistas sigam buscando novas manobras, novos lugares e, especialmente, novas abordagens do encontro entre o skate e a rua.

Inclusive, em uma maré de consumo do skate em seu formato mais profissional e asséptico, skatistas passam a reivindicar a utilização minimalista dessa prática. Tomam a cena as quedas, as ruas pedregosas, as roupas sem brilho, os becos e a ocasião do skate de rua como integrante da vida de skatista (ao contrário das arenas e suas rotinas absolutamente artificiais).

Na filmografia do skate um conjunto de vídeos vem apresentando e afirmando uma prática similar às derivas propostas pelos situacionistas. A primeira série a assumir essa “modalidade” foi a seção “Off the grid”²⁶ do site americano “The Berrics. Nesse conjunto de vídeos, skatistas deveriam jogar dardos em mapas das cidades onde estavam (grande parte dos episódios é em grandes cidades nos EUA, mas não só) e precisavam partir daí para filmar manobras na incerteza do terreno. Os(as) skatistas se viam obrigados a explorar áreas residenciais, grandes avenidas, subúrbios sem muitos recursos, entre outros espaços que talvez não figurariam entre os picos escolhidos para suas sessões.

A série de vídeos do coletivo Flanantes²⁷ apoia-se em uma abordagem poética e política da ocupação que fazem da cidade. No primeiro filme que lançaram, “Flanantes” (Brasil, 2016), o ponto de partida eram as ideias de Baudelaire e João do Rio, cruzando a aproximação diante da vida na cidade desses autores e de skatistas. Em “Sob aparente desordem” (Brasil, 2016), exploram as ideias sobre a vida nas cidades a partir dos escritos de Jane Jacobs em “Morte e vida de grandes cidades”, vinculando o skate de rua a um uso

²⁶ Em tradução livre “Fora do cerco” ou “Fora do circuito”.

²⁷ Grupo de skatistas erradicados na cidade de São Paulo que produz filmes e eventos para a discussão do atual momento do skate de rua paulistano.

que compõe a riqueza da vida no espaço urbano.

Em 2017 o coletivo lançará um vídeo intitulado “Situacionistas”, produzido essencialmente a partir de derivas sob skates. O lançamento do vídeo está previsto para integrar um seminário de skatistas na câmara de vereadores de São Paulo, integrando uma comissão de movimentos sociais que defendem a ocupação da praça Roosevelt pelas pessoas .

A tendência de produzir filmes mais apegados à realidade do skate de rua (câmeras mais simples, tomadas menos profissionais, conceitos mais sólidos, autofinanciadas) vem acompanhada da produção independente. Esses filmes são concebidos, filmados e pensados sem o financiamento de marcas que desejam veicular seus produtos através das manobras executadas. Portanto, esses vídeos são as produções mais viscerais na apresentação do skate de rua e da deriva como ferramenta criativa seus agentes.

3.3 - Um invisível do centro de São Paulo: Um relato de deriva

“Finalmente, a viagem conduz à cidade de Tamara. Penetra-se por ruas cheias de placas que pendem das paredes. Os olhos não vêem coisas mas figuras de coisas que significam outras coisas: o torquês indica a casa do tiradentes; o jarro, a taberna; as albardas, o corpo de guarda; a balança, a quitanda. Estátuas e escudos reproduzem imagens de leões delins torres estrelas: símbolo de que alguma coisa - sabe-se lá o quê- tem como símbolo um leão ou delfim ou torre ou estrela. Outros símbolos advertem aquilo que é proibido em algum lugar - entrar na viela com carroças, urinar atrás do quiosque, pescar com vara na ponta - e aquilo que é permitido - dar de beber às zebras, jogar bocha, incinerar o cadáver dos parentes(...)

(...)Como é realmente a cidade sob esse carregado invólucro de símbolos, o que contém e o que esconde, ao se sair de Tamara é impossível saber. Do lado de fora, a terra estende-se vazia até o horizonte, abre-se o céu onde correm as nuvens. Nas formas que o acaso e o vento dão às nuvens, o homem se propõe a reconhecer figuras: veleiro, mão, elefante...” (CALVINO, 1990. p14.)

O domingo era de chuva prevista pelas agências de meteorologia e confirmada pelo quadro pintado pelo céu. O trabalho de campo, ferramenta fundamental na investigação da cidade, viu-se cercado pelo tempo escasso que a chuva forneceria. A área de estudo é o centro da cidade de São Paulo; o veículo, um corpo potencializado pelos movimentos de um skate; as ferramentas, uma câmera fotográfica e a quantidade

esforço que meu corpo pudesse aguentar.

A deriva é uma prática que promove encontros com relevos psicogeográficos (DEBORD, 1958)²⁸ que normalmente não são acessados pelos percursos (e seus ritmos) que nossos deslocamentos diárias exigem. A conjugação entre o tempo curto (entre 11h e 16h) e o ritmo acelerado de uma deriva, praticada sob um skate, possibilitaram uma outra perspectiva sobre o fenômeno do encontro dos corpos de skatistas de rua com o centro da cidade de São Paulo.

A prescrição de deixar levar-se pelas demandas do terreno é ainda mais evidente quando a deriva apoia-se em um veículo não-motorizado. O crivo para os caminhos abertos se deu pelas seguintes estratégias:

- 1) acompanhar ruas que fossem atraentes ao ato de deslizar pela cidade (descidas, calçadas padronizadas, asfalto pouco pedregoso, ruas que não fossem tomadas por veículos e outros elementos de caráter absolutamente subjetivo);
- 2) descer do skate e caminhar somente em condições adversas (veículos ameaçadores, subidas, ruas que não comportassem o skatismo, etc.)
- 3) tomar o sentido leste (sendo que saí da zona oeste da cidade) como referencial na exploração do centro da cidade.

A prática da deriva possibilitou a coleta de registros que expunham o embate entre skatistas de rua e os contornos da cidade. Como apresentado no texto de Calvino trazido na epígrafe do ensaio, as cidades não se restringem aos seus elementos materiais - e suas interpretações formais²⁹ - contidos na paisagem. Uma vez que espaço e tempo são produtos sociais (não materiais), que não existem “em si mesmos”, assumo que o espaço é produzido. Sobre o papel do corpo na produção do espaço³⁰ (e consequentemente na produção de seus signos e símbolos), SCHMID(2012) formula:

²⁸ “Uma ou várias pessoas que se lançam à deriva renunciam, durante um tempo mais ou menos longo, os motivos para deslocar-se ou atuar normalmente em suas relações, trabalhos e entretenimentos próprios de si, para deixar-se levar pelas solicitações do terreno e os encontros que a ele corresponde. A parte aleatória é menos determinante do que se crê: no ponto de vista da deriva, existe um relevo psicogeográfico nas cidades, com correntes constantes, pontos fixos e multidões que fazem de difícil acesso à saída de certas zonas.”. (DEBORD, 1958, p)

²⁹ Signos constituem sistemas abertos, mais vagos e complexos que sinais. Logo, uma interpretação formal dos mesmos resultará em uma análise imprecisa e imóvel. (LEFEBVRE, 1971)

São centrais para a teoria materialista de Lefebvre, os seres humanos em sua corporeidade e sensualidade, sua sensibilidade e imaginação, seus pensamentos e suas ideologias; seres humanos que entram em relações entre si por meio de suas atividades e práticas. Lefebvre constrói sua teoria da produção do espaço social e do tempo social a partir dessas suposições. (SCHMID, 2012,p)

Logo, a análise dos recursos obtidos em trabalho de campo pretende colocar em movimento esses signos e símbolos marcados através de corpos no espaço.

Sujeito às possibilidades e restrições que o uso do skate propicia, a deriva esteve compreendida entre um início e um fim, marcados por estações de metrô (ainda que a única estipulada tenha sido a de partida). Conscientemente imerso na “dominação das variações psicogeográficas pelo conhecimento e o cálculo de suas possibilidades”³¹, escolhi partir da estação Paulista do metrô, na rua da Consolação na altura da avenida Paulista. Como a deriva trata-se de um “comportamento lúdico-construtivo” essa escolha se deu pelo meu apreço pelas descidas da avenida Paulista em direção ao centro, seja via avenida Angélica, rua da Consolação, rua Augusta, ou qualquer outra via paralela a essas.

Porém após a escolha dessa “carta marcada”, o terreno exerceu toda sua influência no percurso, fato que se mostrou na minha escolha por descer a avenida Angélica ter se dado pela saída aleatória pela qual deixei a estação do metrô (a saída encontrada me levou à contramão da rua da Consolação, sendo que a possibilidade que cumpria com minhas estratégias de deriva me levou a utilizar a ciclovia em direção à avenida Angélica)

A descida da avenida Angélica em direção ao centro é marcada por diversos picos, um asfalto regular, algumas faixas de veículos nas duas direções e calçadas hora sem padronização, hora cheias de fissuras. Entre wallrides e corrimãos³², equipamentos da avenida apresentaram diversas marcas de rodas e desgastes próprios da prática do skate de rua. A guinada em direção à Santa Cecília foi em função de uma diminuição da velocidade causada pelo fim da principal descida da avenida, convidando-me a entrar em uma rua paralela que parecia apropriada.

³¹ Debord, 1958 - Traduzido por Amélia Luisa Damiani

³² Paredes e equipamentos utilizados para a realização de manobras.



(Corrimão e escada com marcas de rodas de skate. Avenida Angélica, foto do autor)

As ruas que me levaram ao acesso do bairro da Santa Cecília me convidaram por apresentarem uma descida pouco movimentada e uma longa calçada de granilite. Os rastros da prática do skate eram evidentes em elevações do calçadão (utilizadas para potencializar os saltos, como rampas próprias a esse fim) que imitava a calçada da fama hollywoodiana. A tal calçada abriga diversos bares da rua Canuto do Val, sendo que a única possibilidade de transitar por ela sem sofrer represálias é fazê-lo durante a manhã.

O largo da Santa Cecília, seja pela calçada pedregosa, pela rua de paralelepípedos, pela feira livre ou pelo grande número de consumidores, só serviu como passagem para o acesso ao Minhocão. A chegada ao terminal de ônibus Amaral Gurgel me levou a seguir skatistas e demais transeuntes que faziam uso do elevado por estar fechado para a circulação de veículos.

No elevado topei com o maior número de pessoas ocupando o espaço, inclusive um espaço que normalmente não pertence a corpos que não estão munidos de máquinas de transportar³³. Tanto nesse quanto em outros domingos, registrei que o Minhocão abriga skatistas, ciclistas, crianças jogando bola, jovens fumando maconha, pessoas promovendo feiras, churrascos e festas. Com base nas formulações de Lefebvre, o espaço existe a partir de uma ocupação, e tal ocupação se dá corporalmente (com os gestos, sensualidade,

³³ SANTOS, Claudio da Silva. (2014)

pulsões, etc.)³⁴. O elevado Costa e Silva apresentou um relevo psicogeográfico marcado fortemente pela pulsão de corpos que praticavam esportes, dançavam, vendiam bebidas refrescantes e se espreguiçavam. Esse encontro de práticas avessas à pressa do trânsito desse corredor da cidade, se dá essencialmente pela proibição da entrada de veículos em horários pré-estabelecidos.



(Wallride em frente à praça Roosevelt, rua da Consolação, foto do autor)

O fluxo de pessoas, em especial skatistas, levou-me a desembocar meu trajeto na rua da Consolação, na altura da praça Roosevelt. Um fato já é tido como certo por pessoas que conhecem a região da praça Roosevelt: Após a reforma da praça terminada em 2012, a presença de skatistas é incessante em todos os horários do dia. Portanto não me alongo na descrição da praça, dos seus usos e suas marcas, sendo que a entrada e passagem pela praça se deu em grande parte pelo meu conhecimento prévio daquilo que encontraria registrado em suas superfícies. Logo, essa praça constitui um espaço condicionado à prática do skate (não sem resistência por parte de skatistas), reservando poucos mistérios sobre sua utilização.

³⁴ LEFEBVRE, Henri. (2006)



(Canteiro com a presença de parafina para facilitar o deslizamento durante as manobras. Praça Roosevelt, foto do autor)



(Parede de escalação que se tornou palco para a prática de manobras de skate. Praça Roosevelt, foto do autor)

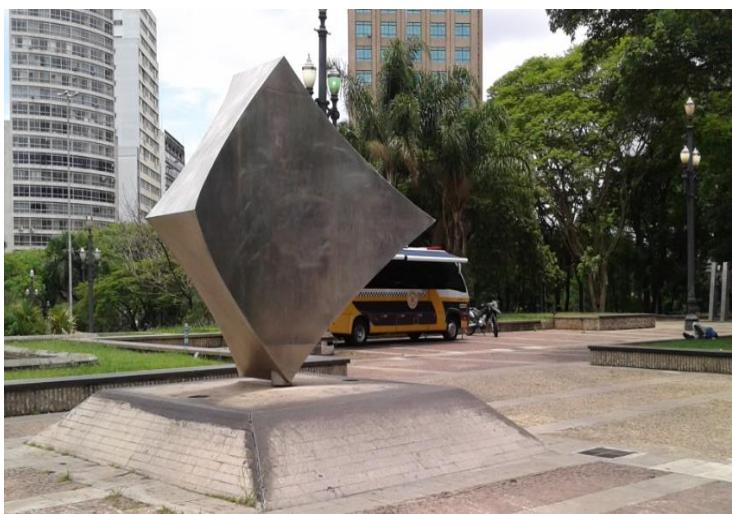
Ao percorrer a praça, o contato com outras pessoas em busca de prazer através do exercício físico foi mais intenso. Ciclistas, dançarinos(as), patinadores e skatistas ocupavam esse espaço enquanto a chuva não os afugentasse. A praça tem como sua outra margem a rua Augusta, via pela qual decidi descer seguindo em direção ao viaduto Nove de Julho.

A essa altura da deriva as nuvens deram lugar a um Sol absolutamente desgastante. Entre as 12h30 e as 13h30 atravessei a rua Maria Paula (com especial atenção à nova praça ao lado da câmara dos vereadores), subi a avenida Brigadeiro Luís Antônio em

direção ao largo de São Francisco e segui pela rua Benjamin Constant até o marco zero da Praça da Sé. Esses deslocamentos foram muito desgastantes, especialmente pelo calor surpreendente e pelas manobras que executei nesse trecho nos picos encontrados no caminho.

A praça da Sé é um ponto interessantíssimo no tocante aos usos que se dão em seu perímetro e arredores. A complexidade desse espaço se demonstra pelas finalidades buscadas pelas pessoas que o ocupam: moradores em situação de rua, turistas, policiais, skatistas, pastores, repentistas e migrantes recém-chegados compõem as situações absolutamente diversas que se desenrolam nessa praça. A arquitetura da catedral e dos bulevares (esculturas, jardins e espelhos d'água) também acrescentam elementos para essa mistura heterogênea. A expressão “o balé da boa calçada” (JACOBS, 2011.p 52) agrega a dimensão da exclusividade desses jogos que se dão nos embates dos diferentes usos dessa praça em relação a qualquer outro local.

Os resíduos deixados pela prática do skate de rua marcam a praça inteira e, em especial, a estátua de Yutaka Toyota. A passagem pela praça foi rápida, tanto pelo cansaço que passou a atingir meu corpo quanto pela impossibilidade de andar de skate pela praça. A presença de moradores de rua que dormiam em parte dos obstáculos tornou improvável a presença de skatistas na praça.



(Escultura e obstáculo de Yutaka Toyota, praça da Sé, foto do autor)

Após a passagem pela praça da Sé, retornei à frente da catedral e desci o boulevard por conta do piso de mármore extremamente reconfortante. Segui pela rua Boa Vista avistando o Pátio do Colégio, marco fundamental da história do skate de rua paulistano. A

presença de uma enorme estrutura de cinema – resultando na ausência de qualquer morador em situação de rua - fez com que não entrasse na praça (que também contém grandes faixas de piso de mármore entre faixas de pedra portuguesa). A rua Boa Vista me levou até o largo de São Bento, local onde encontrei marcas de skate em um enorme deck de madeira, utilizado pela agradável sensação de deslizar possibilitado pelo material. Ainda que eu tenha visto imagens na internet de pessoas utilizando essa estrutura para executarem suas manobras, por conta do posto policial na esquina, nunca consegui utilizar esse aparato por mais de poucos tentativas.

O avanço pelo viaduto Santa Efigênia em detrimento da descida pela rua Líbero Badaró explica-se por algo inimaginável por pessoas que não andam de skate. O piso do viaduto é um conjunto de ladrilhos muito pequenos e que provocam uma sensação de formigação nas pernas. Além do som proveniente do toque entre minhas rodas e o ladrilho, a vista do viaduto me permitiu vislumbrar meu próximo “destino” (a escolha da região da avenida Prestes Maia, ao invés do vale do Anhangabaú, foi pautada no fato de ser menos conhecida por mim, assim promovendo mais encontros ao acaso).



(Ladrilhos do viaduto Santa Efigênia, foto do autor)

Acessei a avenida Casper Líbero e conforme avanço na mesma me deparo com a praça Alfredo Issa, até então desconhecida por mim. A praça fica em um recuo da avenida e com isso é bastante tranquila. As marcas da prática do skate, linguagem universal entre todos(as) os(as) praticantes, eram evidentes em bancos, canteiros e piso. Nesse domingo

brevemente ensolarado (a chuva já se encaminhava para os finalmentes) a praça contava com alguns moradores de rua, algumas crianças e um grupo de jovens que bebia, fumava e conversava alto. O piso de mármore (intercalado por lajotas robustas) e a tranquilidade em comparação ao frenesi habitual do centro da cidade, compuseram uma ambiência própria para a execução de algumas manobras.

Frequentemente transeuntes passam e reagem à prática do skate de rua. Enquanto desfrutava dessa praça um senhor asiático (nossa parca comunicação não me permitiu descobrir sua origem) elogiou meus movimentos, as crianças olhavam com curiosidade e os moradores em situação de rua demonstraram total desinteresse.



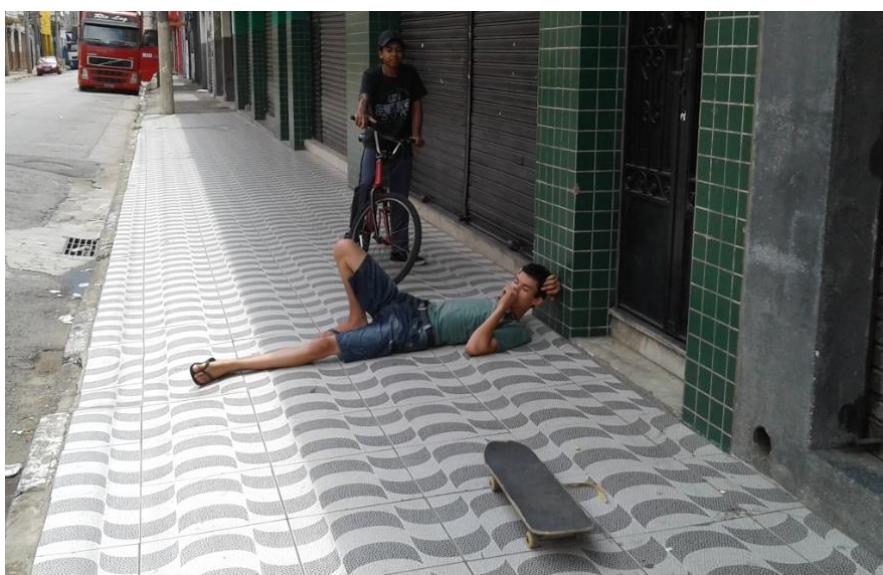
(Intervenção no guard rail de concreto para facilitar a execução de manobras. Avenida Senador Queirós, foto do autor)

Após atravessar a praça descia a avenida Senador Queirós quando um evento menos atípico do que se pensa ocorreu. Como a via só contém uma mão, realizava a descida no sentido contrário dos automóveis. Essa prática é tão corriqueira, uma vez que skatistas adaptam a cidade em função de suas necessidades, que nem cheguei a relatar que em uma boa parte da deriva andei no sentido contrário dos carros. Porém, quando já estava chegando à avenida Mercúrio em alta velocidade um veículo desviou da sua trajetória e jogou o carro em minha direção. Tive o reflexo de lançar-me no meio fio e golpear duramente o parabrisa do veículo, tanto para me apoiar e me projetar no desvio, quanto para demonstrar meu repúdio à violência gratuita.

Os diferentes usos que a cidade comporta por vezes se sobrepõem e entram em embate. A cidade concebida para os automóveis (seus ritmos, símbolos, vias) é desviada por corpos que rompem com a lógica da produtividade que nos é imposta nos nossos deslocamentos e passeios (tempo de trabalho ou de consumo). O corpo que deriva - prática talvez inconsciente de muitos(as) skatistas - suspende o tempo da cidade e fomenta a apropriação da mesma.

Após a troca de algumas ofensas e o retorno às atividades (cada um seguiu seu caminho, o alvoroço entre pedestres se dispersou, a vida seguiu), cheguei ao mercado municipal. Meu corpo, já cansado pela jornada e pelo tempo abafado pelas nuvens que agora tomavam conta do céu, pedia um descanso. Sentei-me no mercado para tomar um suco e comer alguma fruta para ajudar a prolongar o trabalho de campo. Feito o recesso, segui em direção à área da zona cerealista, mais especificamente pela rua Professor Eurípedes Simões de Paula.

O contraste com os arredores é gritante. Após atravessar a hostil avenida do Estado, o silêncio imperava entre os armazéns fechados e caminhões estacionados em um dia de recesso da zona cerealista. Nitidamente aquele espaço não era ocupado habitualmente por skatistas, ou por quaisquer outras atividades de lazer. Se nos dias de semana as calçadas e as vias são intransitáveis, nos finais de semana o marasmo resultante de uma paisagem absolutamente repetitiva associada ao vazio demográfico explicam o espaço pouco atraente. Ainda assim, das poucas pessoas que encontrei na minha passagem pela região até a rua do Gasômetro, duas delas tinham skates entre seus pertences.



(Jovens em um domingo na zona cerealista, foto do autor)

O asfalto irregular e retas intermináveis do Brás me exauriram. Minha chegada à rua do Gasômetro mal pode ser aproveitada. A calçada da rua foi totalmente reformada, com isso o piso tornou-se muito atraente à prática do skate. Além do chão liso convidativo, aos domingos a rua está vazia por conta dos comércios fechados, porém minha condição física me impossibilitou de aproveitar os recursos dessa rua.

Minha deriva chegaria ao fim em breve. Assim que atravessei o largo da Concórdia e acessei a estação Brás do metrô, uma chuva torrencial varreu o comércio ambulante das imediações. Enquanto esperava na fila da bilheteria, meu corpo exaurido se nutriu de lichias que comprei na rua do gasômetro. Seguiam comigo na fila algumas senhoras em um dia de folga, migrantes africanos cheios de mercadorias, jovens que mostravam suas compras aos amigos e senhores que tentavam furar a fila. O ritmo do trem é impiedoso após a experiência de uma deriva a serviço do corpo.

Considerações finais

A produção de uma monografia baseada em uma experiência íntima, à qual o autor dedica parte de sua vida, reserva uma escrita com um peso especial. A implicação com um tema de estudo e a quase total não dissociação entre pesquisador e pesquisa (ou sujeito e objeto) foram elementos essenciais na investigação a que me propus a fazer, contribuindo também negativamente no tocante ao ritmo da escrita: formalizar uma experiência corporal de muitos anos no formato de monografia é uma dura simplificação, ainda que revele reflexões fundamentais das minhas práticas como geógrafo e skatista de rua (se é que esses dois mundos algum dia poderão se separar).

A escolha do prisma da experiência corporal como eixo deste trabalho foi uma decisão que não poderia ser outra, através da qual foi possível colocar em movimento textos escritos em contextos absolutamente estranhos ao fenômeno que estudei. A decisão por esse tema esteve ligada ao exercício lúdico-construtivo de sair pra andar de skate pela cidade após fazer leituras com o grupo de estudos dos escritos situacionistas (Grupo que se encontra no laboratório de Geografia Urbana da FFLCH-USP). Aos poucos, levar textos para ler no intervalo das sessões se tornou uma prática corriqueira e complementar ao empenho de sair de casa para encontrar algo que fizesse meu corpo se movimentar.

Logo, como articulação de referenciais teóricos/poéticos e experiências essencialmente ligadas à carne, essa monografia amarra (e abre) inquietações de uma atividade a qual comecei a me dedicar sem saber muito o porquê. Talvez andar de skate em uma cidade como São Paulo, considerando o massacre a que nossos corpos são submetidos, faça todo o sentido.

A concepção das formas da cidade impede uma apropriação verdadeira daquilo que as pessoas vivem para construir (a cidade ela mesma). O tempo e o ritmo, que a vida na cidade imprime sobre as pessoas, mortifica a vida cotidiana e precisa promover uma necessidade de vingança contra a cidade e os processos que levam à sua reprodução. O aspecto sensorial da experiência de cidade pela qual as pessoas passam em São Paulo é fundamentalmente anestesiado, seja pela mediação violenta dos meios de transporte na relação entre corpo e cidade, pelo espetáculo que rouba qualquer referencial de nossas vidas ou pela alienação espacial que nos torna meros espectadores daquilo que

supostamente vivemos.

Usar nossos corpos para encontrar a cidade guardada por detrás da cortina do cotidiano é um caminho para que seja possível seguir vivendo. Ter encontrado “consolo” (e incertezas instigantes) em ideias dos autores que contribuíram para a construção dessa monografia, reforça a necessidade de seguir vivendo. Chego à conclusão que skatistas de rua, ainda que imersos em contradições de suas práticas e representações, representam uma pulsão contra uma cidade que impele uma palidez aos corpos, uma anestesia aos sentidos e uma mecanização aos ritmos da vida.

Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Corpo**. Rio de Janeiro. 5^aed. Record, 1985.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido demancha no ar**. São Paulo. 1^aed. Companhia das letras, 2007.
- BRANDÃO, Leonardo. **Corpos deslizantes, corpos desviantes**: A prática do skate e suas representações no espaço urbano. 2006. 139f. Tese (mestrado) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2006.
- CALVINO, Ítalo. **Cidades invisíveis**. São Paulo. Companhia das letras, 1990.
- DEBORD, Guy. **Report on the Construction of Situations and on the International Situationist Tendency's Conditions of Organization and Action**. 1957, trad. Ken Knabb. Disponível em: <http://www.cddc.vt.edu/sionline/si/report.html>
- _____. **Teoria da Deriva**, Internationale Situationniste nº2. 1958, trad. Amélia Luisa Damiani. Disponível em: http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apicio/Apicio_Fani/flg0560/2010/Teoria_da_Deriva.pdf
- DEBORD e WOLAMN. **Mode d'emploi du détournement**, Les lèvres nues nº8. 1956.
- GONÇALVES, Glauco R. **A produção espetacular do espaço**: as cidades como cenário da Copa do Mundo de 2014. 2016. 576f. Tese (doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- HOWELL, Ocean. **The “Creative Class” and the Gentrifying City: Skateboarding in Philadelphia’s Love Park**, Journal of Architectural Education (1984-)Vol. 59, No. 2, 2005.
- INTERNATIONALE SITUATIONNISTE. **Théorie des moments et construction des situations**, Internationale Situationniste nº4, 1960.
- JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**, 2011. São Paulo, ed. Martins Fontes, 3^a edição.
- JACQUES, Paola B. (org). **Apologia da Deriva**. Escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de janeiro: Casa da Palavra, 2003
- JACQUES, Paola B. **Corpografias urbanas**. Publicado na revista virtual Arquitextos, 2008. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>
- LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e da modernidade**; trad. Fábio dos Santos Creder Lopes – 2. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Grupo “As (im)possibilidades do urbano na metrópole contemporânea”, 2006.(Não publicado)

_____ **Critique de l'vie quotidienne I – Introduction.** Paria: L'Arche, 1977, p.130-132, trad. Amélia Luisa Damiani

_____ De lo rural a lo urbano, 1971. ed.península. trad. Javier González-Pueyo.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**, 2008. ed. Expressão popular, 2^aed. trad. Florestan Fernandes.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. **Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty**, 2008. Estudos de psicologia, disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2008000200006

SANTOS, Claudio da Silva. Corpo e mobilidade urbana: uma experiência pedestre na cidade de São Paulo. 2014. 116f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SEABRA, Odette. **A insurreição do uso**, in Henri Lefebvre e o retorno à dialética, (org) José de Souza Martins,1996. ed. Hucitec.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida pela século XXI: no loop da montanha russa**, 2005. ed.Companhia das letras.

SCHMID, Christian. 2012. **A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre:** Em direção a uma dialética tridimensional.

Ilustrações

Mapa 1 - Mapa da deriva de 11 de novembro de 2016

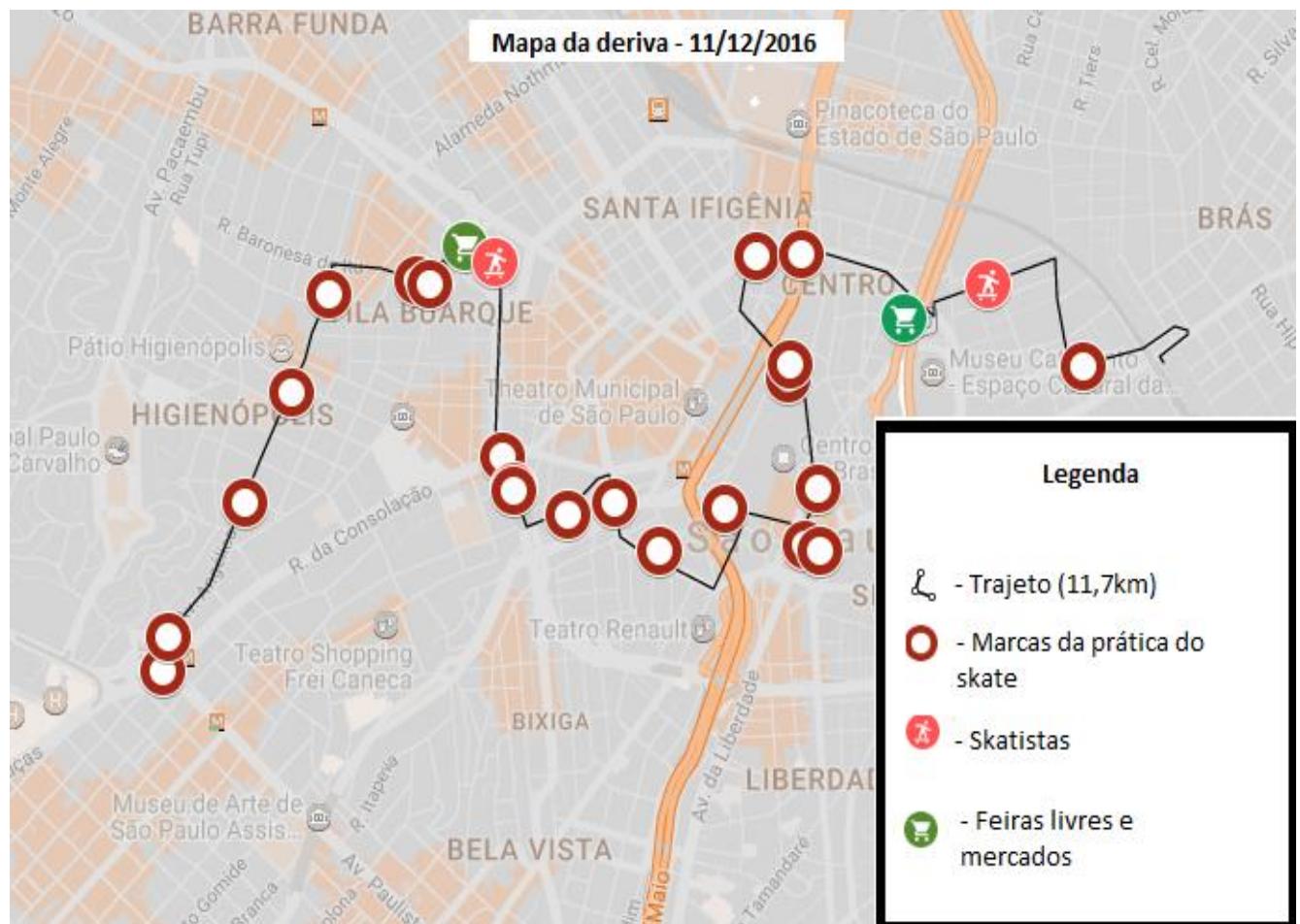


Imagen 1 – Outdoor de empreendimento imobiliário



Imagen 1 - Fotografia de um outdoor de certo empreendimento imobiliário no bairro do Alto da Lapa. A imagem do jovem trabalhador “bem sucedido” é construída pelo seu vestuário e por sua postura. Sua informalidade e adaptação à velocidade exigida por seu estilo de vida é representado pelo skate que utiliza como aparato de mobilidade urbana. Tirada em 29 de agosto de 2014.



Imagen 2 - Outdoor de empreendimento imobiliário desviado.

Imagen 2 - O mesmo outdoor teve a imagem do skate arrancada dos pés do pseudo-skatista. A ação pode ser pensada como um ato de revolta à assimilação da prática do skate a um estilo de vida que não é representado por skatistas de rua. Tirada em 12 de dezembro de 2014.

Imagen 3 – Outdoor de empreendimento imobiliário 2.



Imagen 3 - Propaganda de um empreendimento imobiliário na região da Vila Olímpia, próximo ao eixo de expansão Faria Lima-Berrini. A propaganda visa abocanhar jovens profissionais que trabalham nas grandes empresas do entorno e, por seu perfil jovem, fogem da compra de automóveis e dos engarrafamentos.

Tirada em 28 de setembro de 2014.

Imagen 4 – Outdoor de empreendimento imobiliário 3.



Imagen 4 - Propaganda de empreendimento imobiliário no bairro de Barra Funda. A imagem de skatistas, bicicletas, vagões de metro e as condições de parcelamento evidenciam o público jovem que é alvo desse investimento. O papel do skate é mais uma vez associado à mobilidade urbana. Tirada em 27 de novembro de 2014.

Imagen 5 – Campanha do ministério da defesa pelo alistamento militar obrigatório.



Imagen 5 - Trecho de campanha do ministério da defesa de 2013 pelo alistamento militar. A propaganda apresentava um jovem andando de skate pelas ruas de alguma cidade cujas habilidades físicas do cotidiano

(skate e escalada) revelavam possíveis talentos para o serviço militar.

Imagen 6 – Pixação afirma que “A rua vai cobrar”.



Imagen 6 - Pixação registrada no centro da cidade de São Paulo. Os dizeres “A rua vai cobrar” acompanham uma tag que assina a intervenção. Foto tirada em 16 de abril de 2016.

Imagen 7 – Pixação aponta que “A rua vê”.



Imagen 7 - Detalhe de grafite que notifica “Respeito Bafo! A rua ve”. Foto tirada em 18 de janeiro de 2015 em uma travessa da avenida Faria Lima que foi fechada pela prefeitura e é ocupada por skatistas.

Imagen 8 – “Ninguém manda no que a rua diz”



Imagen 8 - Intervenção urbana conhecida como “lambe-lambe” diz que “Ninguém manda no que a rua diz”. Foto tirada em 13 de agosto de 2015 na ponte Eusébio Matoso, zona oeste de São Paulo.

Imagen 9 – Construção coletiva **a_{utofinanciada}** na quadra “Generics”



Imagen 9 – Quarter pipe construído por skatistas que compartilhavam a gestão da quadra do BNH da Vila Madalena. Foto tirada em 18 de novembro de 2014, após a primeira – e não última – destruição desse obstáculo.

Imagen 10 - Construção coletiva **a_{utofinanciada}** na quadra “Generics” 2



Imagen 10 – Borda construída por skatistas que compartilhavam a gestão da quadra do BNH da Vila Madalena. As correntes foram colocadas na segunda versão do obstáculo, uma vez que a utilização ao longo da noite por skatistas que não haviam participado da construção levou à destruição da primeira versão do aparelho. Foto tirada em 18 de novembro de 2014.

Imagen 11 – Cerca que impede a prática do skate de rua

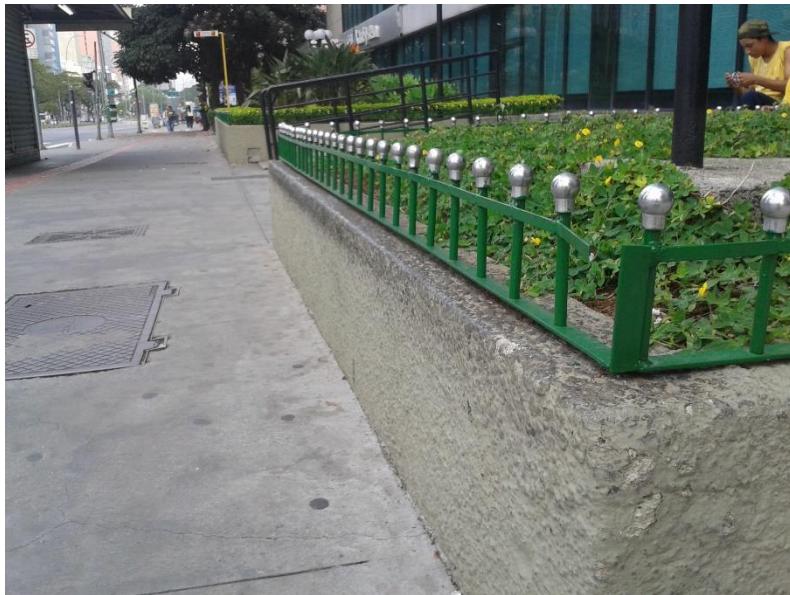


Imagen 11 - Após skatistas usarem o canteiro ao lado do Beco Valadão (espaço a~~utofinanciado~~ e construído por skatistas) para deslizar com seus skates, a zeladoria do edifício instalou grades para impedir a prática. Foto tirada em 28 de setembro de 2014.

Imagen 12 – Cerca que impede a prática do skate de rua 2



Imagen 12 - Algo similar ao ocorrido na foto anterior é praticado na Avenida Paulista. Foto tirada em 30 de setembro de 2015.

Imagen 13 – A rua do food truck



Imagen 13 – Um food truck apoiado na temática do uso da rua/cidade estaciona ao lado de um muro que apresenta os dizeres: “A rua vê”. Foto tirada em 13 de agosto de 2015.

Imagen 14 – A rua como pista de dança



Imagen 14 - A propaganda da champanhe Freixenet afixada na região do Parque do Ibirapuera indaga: “Por que as ruas não podem ser uma pista de dança?”. Foto tirada em 11 de novembro de 2015.

